UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIREÇÃO DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DE ENFERMAGEM

ALICE CABRAL BARRETTO
HILLARY LEANDRA ALMEIDA BRILHANTE

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO ESTADO DE SERGIPE-BRASIL

ARACAJU
2019

ALICE CABRAL BARRETTO
HILLARY LEANDRA ALMEIDA BRILHANTE

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO ESTADO DE SERGIPE - BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação de Enfermagem da Universidade Tiradentes, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profª Manuela Carvalho Vieira Martins

ARACAJU

2019

DADOS EPIDEMIOLÓGICOS DOS CASOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO ESTADO DE SERGIPE – BRASIL

EPIDEMIOLOGIC DATA OF DOMESTIC VIOLENCE OCCURRENCES IN THE STATE OF SERGIPE- BRAZIL

RESUMO - A violência doméstica é considerada um problema da saúde pública devido a uma associação de diversos fatores, como a desigualdade de gênero. Este estudo tem como objetivo apresentar dados epidemiológicos de casos de violência doméstica em Sergipe. Trata-se de um estudo de coorte, descritivo, de natureza aplicada e abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada no estado de Sergipe, através da análise do banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), entre os anos de 2009 e 2016. As associações entre tipos de violência e variáveis sócio-demográficas foram realizadas por meio do teste Qui-Quadrado de Pearson com simulações de Monte-Carlo. As notificações demonstraram que de 2009 a 2016 houveram 1.636 casos de agressão, sendo 597 notificações de violência sexual, 593 de violência física, 427 de violência psicológica/moral e 19 casos de violência financeira. O cônjuge se destacou como maior agente agressor, com crescimento anual de 209,64% (p-0,008) entre 2009 e 2013. No mesmo período a violência física teve um aumento de 149,53% (p-0,002). Foi identificado que existem associações significativas entre a faixa etária (p- <0,001), a raça (p-0,025) e o local de ocorrência (p- 0,010) das agressões.

PALAVRAS CHAVES – Violência doméstica, epidemiologia, agressão.

ABSTRACT – Domestic violence is considered a public health problem due to an association of several elements such as gender inequality. This work objective is to present epidemiological data of domestic violence occurrences in Sergipe. It is a cohort study, descriptive, of applied nature and quantitative approach. The data collection was made in the state of Sergipe, through an analysis of the DATASUS database, between 2009 and 2016. The associations of types of violence and social and demographical variables were obtained by the chi-squared test with Monte Carlo simulations. The notifications showed that between 2009 and 2016 there were 1.636 aggression occurrences, of which 597 were of sexual violence, 593 of physical violence, 427 of psychological/moral violence and 19 occurrences of financial violence. The spouse appeared as the most common type of aggressor with an annual increase of occurrences between 2009 and 2013 of 209,64% (p-0,008). At the same period of time, physical violence occurrences were increased by 149,53% (p-0,002). It was noted that relevant associations exist among the age range (p<0,001) and race (p-0,05) of the victims and the place the aggression took place.

KEYWORDS -Domestic violence, epidemiology, aggression.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência como "uso intencional da força física, ou poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico ou deficiência". Dessa forma entende-se que é considerado violência não só o ato de usar a força física contra uma pessoa ou grupo de pessoas, mas também o ato de ameaçar verbalmente e usar do poder podendo causar danos físicos e psicológicos [1].

Esta violência afeta o âmbito da saúde de forma individual e coletiva, podendo provocar morte, traumas, lesões e danos psicológicos, diminuindo a qualidade de vida dos indivíduos, além de acarretar novos problemas para a saúde pública, deixando evidente a necessidade de prevenção e uma atuação multiprofissional no tratamento desse problema [2]. Este agravo é um dos problemas de grande preocupação mundial, não somente pelos danos causados à saúde individual e coletiva, mas também pelo impacto na morbidade e mortalidade em toda a sociedade, exigindo para sua prevenção e enfrentamento políticas e ações articuladas que visem atender a mulher na sua integralidade [3].

A violência contra a mulher também pode ser chamada de violência doméstica, sendo caracterizada pela agressão à mulher vinda de uma pessoa do sexo masculino que tenha ligação afetuosa com a vítima, podendo estar morando ou não na mesma residência[4]. Este tipo de violência diz respeito não só a um dano físico ou psicológico causado a vítima, mas também é espelho de uma situação histórica de desigualdade de gênero presente na sociedade, desigualdade essa que põe a mulher em situação inferior ao homem[5].

Aproximadamente 35% das mulheres ao redor do mundo foram vítimas de violência física e/ou sexual ao longo de suas vidas [6]. No Brasil, aproximadamente uma em cada cinco mulheres declaram abertamente ter sofrido alguma violência por parte de um homem e 75,9% dos casos de violência contra mulher os agressores tinham laços afetivos com a vítima[7]. Em Sergipe, segundo o Sistema de Informações de Agravos de Notificações (SINAN) entre 2009 e 2016 houve aproximadamente 2.000 casos de violência doméstica registrados.

Decorrente do agravo desse problema, no Brasil foi conquistada a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que cria mecanismos para diminuir o crescimento desta violência, visando reduzir o número de ocorrências e punir os agressores. Nos termos do § 8º do art.

226 da Constituição Federal, é prevista a eliminação da discriminação da mulher em todos os seus âmbitos, com o objetivo de prevenir, punir e erradicar a violência doméstica contra mulher [8].

Considerando que a violência contra a mulher é um problema de saúde pública em todo o mundo, estudos realizados a nível mundial e nacional buscam mostrar dados epidemiológicos, tais como perfil da vítima, tipo de violência e perfil do agressor. Porém, Sergipe não foram encontrados estudos referentes ao tema, apontando a relevância deste estudo, buscando assim melhorar a prevenção da violência, direcionando-a para o grupo de risco.

Visto isso, o presente estudo tem como objetivo apresentar dados epidemiológicos dos casos de violência no estado de Sergipe, tais como a tendência temporal da violência, perfil sócio-demográfico da vítima, grau de parentesco do agressor e prevalência do local de agressão.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de coorte, de caráter exploratório e descritivo, de natureza aplicada e com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada no estado de Sergipe, por meio de análises obtidas a partir do banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e, para a complementação, foi realizada uma busca de artigos nas bases de dados Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), PubMed, SciELO, LILACS e pesquisas em manuais. O período da coleta foi de 2009 a 2016.

A população escolhida para participar do estudo foram mulheres que tenham sofrido violência doméstica, de todas as faixas etárias, raças e etnias, que residam ou tenham feito notificação no estado de Sergipe, buscando mostrar as variáveis dessa agressão, tais como: grau de parentesco com o agressor, tipo de violência e evolução do caso. O estudo tem como base as violências salientadas na Lei Maria da Penha, que são: violência física, violência patrimonial, violência sexual, violência psicológica e violência moral [8].

Foram incluídas no estudo todas as notificações de mulheres, de qualquer faixa etária, residente ou notificada no estado de Sergipe, que tenha sofrido qualquer tipo de agressão segundo a Lei Maria da Penha no período de 2009 a 2016, ou seja, que a violência tenha partido de homens com laços afetivos com a vítima. Foram utilizados como variáveis: cônjuge, ex-cônjuge, pai, padrasto, irmão, namorado e ex-namorado.

Notificações realizadas com base em outros tipos de violência, tal como tráfico de pessoas, foram excluídas do estudo, assim como violência por desconhecido, patrão ou violência de trânsito. As variáveis categóricas foram descritas por meio de frequências absoluta e relativa percentual. As associações entre tipos de violência e variáveis sócio-demográficas foram testadas por meio do teste Qui-Quadrado de Pearson com simulações de Monte-Carlo. O Qui-Quadrado de Pearson tem como princípio básico comparar proporções, ou seja, buscar possíveis associações entre variáveis [9].

A taxa de crescimento anual percentual nos casos de violência doméstica ponderados pelo tamanho da população foi avaliada por meio da regressão Joinpoint. O nível de significância adotado foi de 5% e os softwares utilizados foram R Core Team 2019 e Joinpoint 4.5.0.1. Os dados foram apresentados em Tabelas e Figuras para melhor compreensão dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O total de notificações de acordo com o DATASUS referentes a violência doméstica no estado de Sergipe entre os anos de 2009 e 2016 foi de 1636 casos notificados, sendo 597 notificações de violência sexual e 593 de violência física, 427 de violência psicológica/moral e 19 casos de violência financeira.

Segundo o Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [10], foram realizados 749.024 atendimentos através do 'Ligue 180' no ano de 2015, no qual aproximadamente 10% (76.651) eram referentes à violência contra a mulher. Destes atendimentos, 50,16% correspondem à violência física, 30,33% à violência psicológica; 7,25% à violência moral, 2,10% à violência patrimonial e 4,54% à violência sexual.

A violência física por cônjuge foi um destaque nas notificações, apresentando 315 casos notificados, seguido por ex-cônjuge apresentando 98 casos registrados. Esses dados são um retrato da situação em que a mulher se encontra na sociedade, que põe o homem como superior, levando-o a acreditar que pode punir ou castigar a esposa [5]. Outras 180 notificações acerca deste tipo de violência foram registradas em Sergipe das quais os agentes agressores com maior prevalência foram, em ordem decrescente, irmão, pai, namorado, padrasto e ex-namorado. Já nos casos de violência sexual, o agente agressor em destaque é o padrasto com 184 notificações, seguido pelo namorado com 175 casos registrados. De acordo com o relatório Estupro no Brasil, uma radiografia segundo os

dados da Saúde[11] o pai e o padrasto ocupam o topo dos casos de violência sexual como agressores, estes que, normalmente, convivem com as vítimas na mesma residência.

As violências psicológica/moral e financeira são tipos de violência com os menores números de notificações em Sergipe. Na violência psicológica/moral o cônjuge é destaque mais uma vez com 158 casos, seguido pelo padrasto com 76 casos registrado.

Esse tipo de violência é caracterizado por danos emocionais, diminuição da autoestima ou qualquer outro ato que venha a causar danos psicológicos ou difamação da vítima. Foram registrados apenas 19 casos de violência financeira entre 2009 e 2016. Em 12 desses casos o agente agressor foi o cônjuge, onde há o controle sobre o patrimônio material e financeiro da vítima. Houve um número menor de notificações com esses tipos de violência visto que existe um menor reconhecimento da gravidade dessas ocorrências, levando assim, a menor denuncia e notificação.

A tendência de crescimento da violência doméstica entre 2009 e 2016, assim como o intervalo de confiança para o agente agressor, tipo de violência e total de anos encontrados através do teste de Qui-Quadrado com simulações de Monte-Carlo estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Taxa de Crescimento Anual Percentual e Limite inferior e superior para 95% de confiança do total temporal, agente agressor e tipo de violência.

	TCAP	IC95%-	IC95%+	p-valor
TOTAL				
2009-2013	68,50	-23,41	270,71	0,126
2013-2016	-22,88	-62,38	58,10	0,333
AGENTE AGRESSOR				
Padrasto				
2009-2013	50,71	-30,47	226,71	0,190
2013-2016	-31,88	-74,34	80,87	0,300
Pai	4,73	-14,59	28,43	0,599
Cônjuge				
2009-2013	209,64	74,47	449,51	0,008
2013-2016	-13,58	-33,08	11,60	0,167
Namorado	-5,46	-32,90	33,20	0,703
Irmão	-0,54	-30,53	42,40	0,969
Ex-Cônjuge	6,84	-31,04	65,54	0,696
Ex-Namorado	-15,41	-38,78	16,89	0,224
TIPO DE VIOLÊNCIA				
Sexual	-2,71	-26,81	29,32	0,821
Física				
2009-2013	149,53	90,94	226,11	0,002
2013-2016	-12,51	-23,96	0,676	0,056
Psico/Moral				
2009-2013	79,09	-34,12	386,86	0,161
2013-2	-25,27	-69,00	90,12	0,369

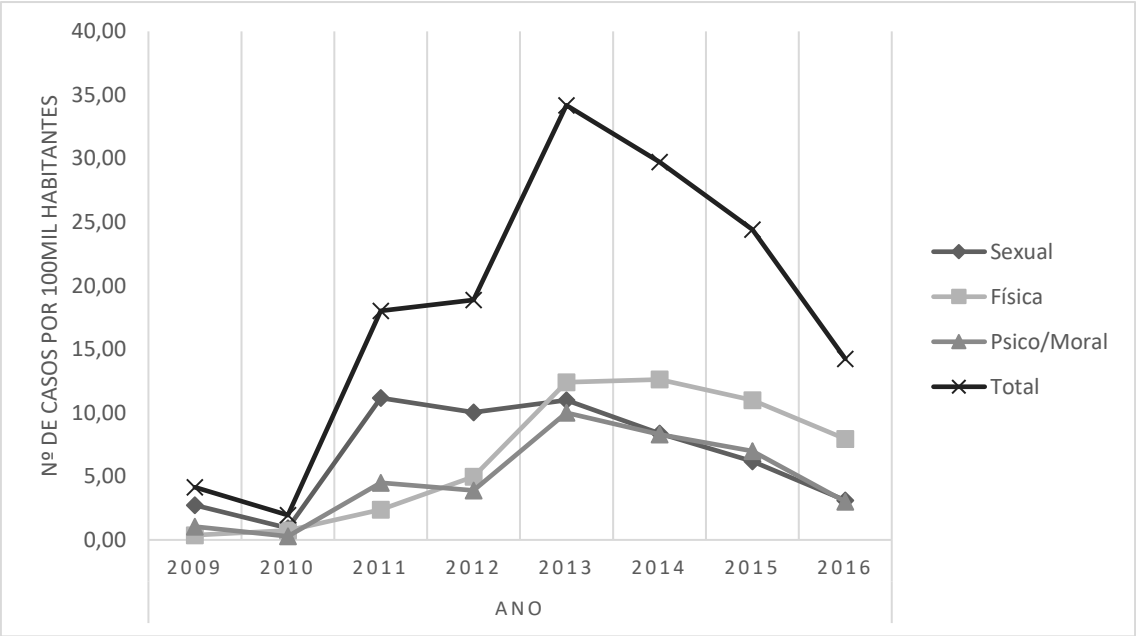
Legenda: TCAP – Taxa de Crescimento Anual Percentual. IC95%- – Limite Inferior para 95% de confiança. IC95%+ – Limite Superior para 95% de confiança.
Fonte: SINAN. (http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php, acesso em 05 de maio de 2019)

Como pode ser observado na Tabela 1, o cônjuge teve destaque como agente agressor, havendo um crescimento anual de 209,64% (p-0,008) de 2009 a 2013 no número de casos deste tipo. Depois deste período, não há evidências de crescimento ou decrescimento do número de ocorrências. Neste mesmo período a violência do tipo física teve um aumento de 149,53% (p-0,002) no número de casos. Os demais dados não são levados em conta neste teste pois o p-valor encontrado é maior que 0,05 (5%) tornando-os irrelevantes para evidencia.

O ano de 2013 destacou-se como um marco no processo do crescimento das violências notificadas. Após isso, notou-se uma estagnação dos valores apresentados. Acredita-se que este ano reflete um aumento da conscientização do profissional de saúde acerca das notificações no SINAN, porém sem crescimento durante os anos seguintes.

O número de casos de violência por 100 mil habitantes no estado de Sergipe durante os anos de 2009 a 2016 segundo os dados disponibilizados no DATASUS estão apontados na Figura 1.

Figura 1. Número de casos por 100mil habitantes por tipo de violência no estado de Sergipe segundo SINAN/DATASUS, 2009 a 2016.



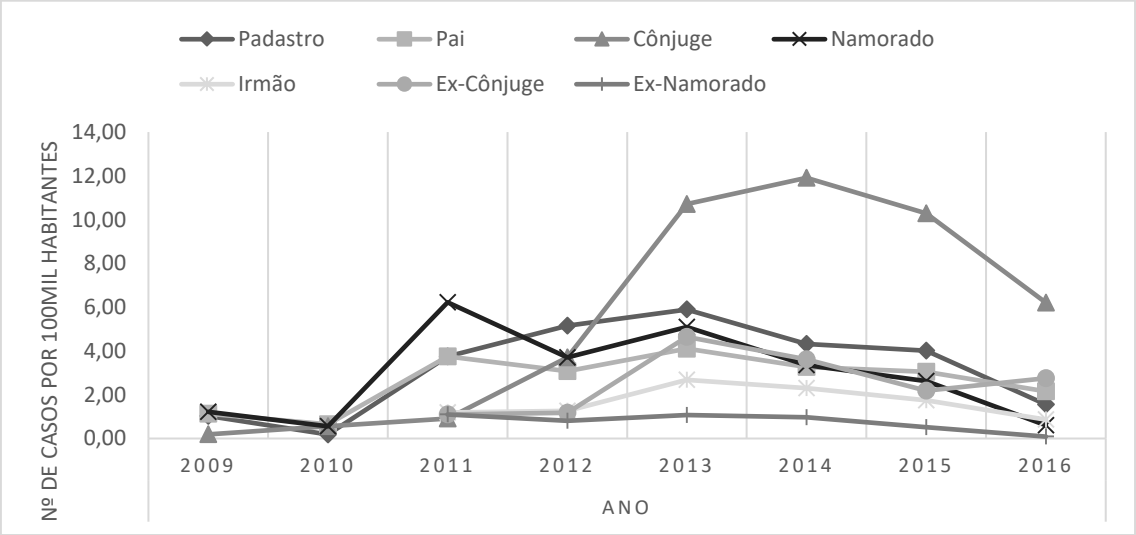
Nota-se na Figura 1 que a violência sexual sempre esteve com um número de casos elevados quando comparada com outros tipos de violência, em destaque para o ano de 2011, no qual houve o maior pico de casos e manteve-se sem decrescimento até o ano de

2013, ano em que a violência física esteve em seu ápice de número de ocorrências, mantendo este índice até o ano seguinte quando ocorreu uma pequena queda.

Além disso, a Figura 1 mostra o que foi afirmado anteriormente acerca do ano de 2013, no qual houve o maior pico de violência no estado de Sergipe, mantendo altos índices quando comparados com os anos anteriores até o ano de 2016. Esta informação pode estar relacionada com a capilaridade do sistema [12]. O Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [10] revela que em Sergipe os registros dos relatos de violência realizados pelo 'Ligue 180' correspondem a 63,7 por 100 mil habitantes apenas no ano de 2015. Desta forma, observa-se a diferença entre o valor registrado através do atendimento telefônico de denuncias e do valor existente no banco de dados do SINAN, evidenciando a grave subnotificação.

A Figura 2 apresenta o número de casos de violência por 100 mil habitantes por agente agressor no estado de Sergipe entre os anos de 2009 e 2016 a partir dos dados disponíveis no DATASUS.

Figura 2. Número de casos por 100mil habitantes por tipo de violência no estado de Sergipe segundo SINAN/DATASUS, 2009 a 2016.



É possível observar na Figura 2 que o namorado como agente agressor teve um pico no número de ocorrências no ano de 2011, caindo progressivamente até o ano de 2016. Já o cônjuge a partir de 2013 teve um aumento significativo, crescendo ainda mais em 2014, havendo uma queda no número dos casos a partir de 2015, porém ainda com valores elevados quando comparados com os demais agentes agressores. Vários estudos acerca de violência doméstica buscam a visibilidade desses acontecimentos, procurando colocar a mulher vítima da agressão como legitimamente vítima, tirando-a da visão

patriarcal onde ela é culpada pela violência. A Lei nº 11.340 [8] é uma das medidas que buscam proteger a mulher e punir o agressor.

A Tabela 2 apresenta a evolução registrada dos casos de violência doméstica notificadas no DATASUS entre os anos de 2009 e 2016 no estado de Sergipe por tipo de violência e agente agressor, buscando associação entre estas variáveis. Estes dados são descritos por meio de frequência absoluta e frequência relativa percentual.

Tabela 2. Evolução do caso por tipo de violência e agente agressor no estado de Sergipe entre os anos de 2009 e 2016.

	Tipo de Violência				
	Sexual n (%)	Física n (%)	Psico/Moral n (%)	Financeira n (%)	p-valor
CONJUGE	19 (3,8)	315 (62,5)	158 (31,3)	12 (2,4)	
Evolução do Caso					
Alta	8 (42,1)	143 (45,4)	77 (48,7)	5 (41,7)	0,943
Evasão/fuga	0 (0)	3 (1)	2 (1,3)	0 (0)	
Óbito por violência	0 (0)	1 (0,3)	0 (0)	0 (0)	
Ignorado	3 (15,8)	23 (7,3)	17 (10,8)	2 (16,7)	
Em Branco	8 (42,1)	145 (46)	62 (39,2)	5 (41,7)	
PAI	92 (55,1)	38 (22,8)	36 (21,6)	1 (0,6)	
Evolução do Caso					
Alta	16 (17,4)	13 (34,2)	9 (25)	0 (0)	0,037
Evasão/fuga	0 (0)	1 (2,6)	0 (0)	0 (0)	
Óbito por violência	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Ignorado	64 (69,6)	13 (34,2)	18 (50)	0 (0)	
Em Branco	12 (13)	11 (28,9)	9 (25)	1 (100)	
PADRASTO	132 (37,6)	22 (6,3)	56 (16)	141 (40,2)	
Evolução do Caso					
Alta	18 (13,6)	5 (22,7)	18 (32,1)	23 (16,3)	0,026
Evasão/fuga	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Óbito por violência	1 (0,8)	0 (0)	0 (0)	1 (0,7)	
Ignorado	95 (72)	8 (36,4)	26 (46,4)	94 (66,7)	
Em Branco	18 (13,6)	9 (40,9)	12 (21,4)	23 (16,3)	
EX CONJUGE	16 (9,2)	98 (56,6)	57 (32,9)	2 (1,2)	
Evolução do Caso					
Alta	2 (12,5)	40 (40,8)	28 (49,1)	2 (100)	0,014
Evasão/fuga	0 (0)	2 (2)	0 (0)	0 (0)	
Óbito por violência	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Ignorado	13 (81,3)	11 (11,2)	8 (14)	0 (0)	
Em Branco	1 (6,3)	45 (45,9)	21 (36,8)	0 (0)	
NAMORADO	129 (37,6)	27 (7,9)	37 (10,8)	150 (43,7)	
Evolução do Caso					
Alta	22 (17,1)	11 (40,7)	6 (16,2)	30 (20)	0,006
Evasão/fuga	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Óbito por violência	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Ignorado	87 (67,4)	5 (18,5)	23 (62,2)	91 (60,7)	
Em Branco	20 (15,5)	11 (40,7)	8 (21,6)	29 (19,3)	
EX NAMORADO	15 (20,5)	15 (20,5)	13 (17,8)	30 (41,1)	
Evolução do Caso					
Alta	3 (20)	7 (46,7)	8 (61,5)	10 (33,3)	0,577
Evasão/fuga	0 (0)	1 (6,7)	0 (0)	1 (3,3)	
Óbito por violência	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	
Ignorado	9 (60)	3 (20)	2 (15,4)	12 (40)	
Em Branco	3 (20)	4 (26,7)	3 (23,1)	7 (23,3)	
IRMÃO	19 (21,8)	43 (49,4)	22 (25,3)	3 (3,4)	
Evolução do Caso					
Alta	6 (31,6)	20 (46,5)	10 (45,5)	2 (66,7)	0,545
Evasão/fuga	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	

Óbito por violência	0 (0)	1 (2,3)	0 (0)	0 (0)
Ignorado	10 (52,6)	8 (18,6)	5 (22,7)	0 (0)
Em Branco	3 (15,8)	14 (32,6)	7 (31,8)	1 (33,3)

Legenda: n – frequência absoluta. % - frequência relativa percentual. Teste Qui-Quadrado de Pearson com simulações de Monte-Carlo.
Fonte: SINAN. (http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php, acesso em 05 de maio de 2019)

Observa-se na Tabela 2 acerca de violência física que quando o pai (p-0,037) é o agente agressor, a agressão evolui para alta em 34,2% dos casos e para fuga/evasão em 2,6%. Já quando o agressor é o padrasto (p-0,026) o percentual de alta é de 22,7%. Quando o agente agressor é o ex-cônjuge (0,014), é possível observar que uma taxa de 40,8% evolui para alta enquanto 2% para fuga/evasão. No caso de namorado (p-0,006) há evolução para alta em 40,7% dos casos registrados.

Quando se trata de violência sexual pelo pai, o percentual de alta é de 17,4%. Quando o agente agressor é o padrasto, a taxa é de 13,6% de evolução para alta e apresenta somente 1 (0,8%) caso de óbito, sendo o único óbito registrado neste tipo de violência. Casos de violência por ex-cônjuges e namorados têm taxa de evolução para alta de 12,5% e 17,1%, respectivamente. Os dados dos demais agentes agressores não são levados em conta neste teste pois o p-valor encontrado é maior que 0,05 (5%) tornando a evidencia irrelevante para associação.

Os dados encontrados no DATASUS referem apenas 2 óbitos por violência entre 2009 e 2016, porém, segundo o Panorama da violência contra as mulheres no Brasil [10], o estado de Sergipe apresentou uma taxa de 7,1 casos de morte por violência por 100 mil habitantes apenas no ano de 2015, taxa esta que é superior à média do país como um todo de 5,1%. Portanto existe claramente a subnotificação e má alimentação do sistema de informação, além da falta de registro da evolução do caso, pois não contempla todos os casos de violência doméstica notificados no próprio SINAN.

O perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência doméstica e o local de prevalência destas ocorrências, utilizando o teste do Qui-Quadrado com simulações de Monte-Carlo em busca de associações entre as variáveis, estão descritos na Tabela 3.

Tabela 3. Variáveis sociodemográficas das mulheres vítimas de violência doméstica e local de ocorrência em Sergipe, 2007 a 2016.

	Tipo de Violência				
	Sexual n (%)	Física n (%)	Psico/Moral n (%)	Financeira n (%)	p-valor
ESCOLARIDADE					
Não Consta	394 (66)	346 (58,3)	356 (83,4)	10 (52,6)	0,531
Analfabeto	11 (1,8)	28 (4,7)	3 (0,7)	6 (31,6)	
Fundamental Incompleto	149 (25)	131 (22,1)	60 (14,1)	2 (10,5)	
Fundamental Completo	39 (6,5)	35 (5,9)	5 (1,2)	1 (5,3)	
Ensino Médio Completo	1 (0,2)	35 (5,9)	1 (0,2)	0 (0)	
Superior Incompleto	1 (0,2)	15 (2,5)	1 (0,2)	0 (0)	
Superior Completo	2 (0,3)	3 (0,5)	1 (0,2)	0 (0)	
FAIXA ETÁRIA					
Não Consta	83 (13,9)	108 (18,2)	98 (23)	8 (42,1)	<0,001
<1	0 (0)	1 (0,2)	0 (0)	0 (0)	
1 a 9 anos	99 (16,6)	21 (3,5)	9 (2,1)	0 (0)	
10 a 19	319 (53,4)	68 (11,5)	118 (27,6)	0 (0)	
20 a 39	91 (15,2)	306 (51,6)	152 (35,6)	9 (47,4)	
40 a 59	5 (0,8)	84 (14,2)	47 (11)	1 (5,3)	
60+	0 (0)	5 (0,8)	2 (0,5)	1 (5,3)	
RAÇA					
Não Consta	246 (41,2)	258 (43,5)	124 (29,1)	6 (31,6)	0,025
Branca	62 (10,4)	69 (11,6)	49 (11,5)	4 (21,1)	
Preta	33 (5,5)	54 (9,1)	37 (8,7)	1 (5,3)	
Amarela	2 (0,3)	5 (0,8)	3 (0,7)	0 (0)	
Parda	254 (42,5)	206 (34,7)	213 (50)	8 (42,1)	
Indígena	0 (0)	1 (0,2)	1 (0,2)	0 (0)	
LOCAL DE OCORRENCIA					
Residência	491 (82,2)	417 (70,3)	340 (79,6)	14 (73,7)	0,010
Escola	4 (0,7)	7 (1,2)	3 (0,7)	0 (0)	
Práticas Esportivas	1 (0,2)	3 (0,5)	3 (0,7)	0 (0)	
Bar	9 (1,5)	10 (1,7)	9 (2,1)	0 (0)	
Via Publica	10 (1,7)	30 (5,1)	25 (5,9)	0 (0)	
Comércio	3 (0,5)	2 (0,3)	1 (0,2)	0 (0)	
Não Consta	79 (13,2)	124 (20,9)	46 (10,8)	5 (26,3)	

Legenda: n – frequência absoluta. % - frequência relativa percentual. Teste Qui-Quadrado de Pearson com simulações de Monte-Carlo.
Fonte: SINAN. (http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php, acesso em 05 de maio de 2019)

Foi observado na Tabela 3 associações significativas entre a faixa etária (p- <0,001), raça (p=0,025) e local de ocorrência (p- 0,010). A escolaridade de maior prevalência é de vítimas com ensino fundamental incompleto. A faixa etária predominante é de 20 a 39 anos em todos os tipos de violência, menos na violência sexual, na qual a faixa etária predominante é de 10 a 19 anos. A raça parda é predominante em todos os tipos de violência. O local de ocorrência em quase 100% dos casos foi a residência da vítima. Conclui-se então que uma mulher com idade entre 20 e 39 anos, da cor/raça parda, em sua própria residência, tem maior risco de ter sido ou de ser vítima de algum tipo de agressão.

Esse perfil da vítima é corroborado por um estudo realizado em Roraima [13] no qual o perfil da mulher vítima de violência doméstica é caracterizado por jovens adultas de idade entre 20 a 39 anos, de escolaridade de ensino fundamental e a cor/raça predominante preta ou parda.

Um estudo realizado em Minas Gerais [14] releva que em todos os casos de violência física e sexual coletados, a vítima foi agredida em sua residência, e em mais de 80% dos casos o agente agressor era da família ou morava na mesma residência que a vítima. Esse índice mostra a vulnerabilidade da mulher perante seus próprios parentes ou companheiros dentro da própria casa.

Segundo uma radiografia do estupro no Brasil, 58% dos entrevistados concordaram, total ou parcialmente, que "se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros" [11]. Entretanto, os dados registrados no SINAN acerca da violência sexual no estado de Sergipe entre 2009 e 2016 mostram que a maioria dos casos ocorreu com adolescentes de 10 a 14 anos em suas próprias residências, contradizendo a pesquisa e deixando claro a estrutura da sociedade patriarcal onde a mulher é a culpada pela agressão.

Nota-se que apesar do aumento no número de notificações no ano de 2013, a alimentação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) ainda é precária, visto que o número de registros não aumentou com os passar dos anos. A expectativa era de que a partir do ano de 2011 os dados aumentassem gradativamente até 2016 [12]. A cultura de subnotificação mostra-se forte no estado de Sergipe, implicando na insensível análise de dados, uma vez que as associações e estudo do perfil das vítimas e agressões não estão condizentes com a realidade da população.

Ainda assim, este estudo mostrou-se importante devido à falta de informações sobre o assunto no âmbito da saúde. A partir disto é possível destinar a prevenção da violência no estado de Sergipe, tendo como referência para esta precaução o perfil de risco da vítima e classificação das agressões, a fim de evitar novos casos e aumento da violência doméstica.

Para isso, há a necessidade de organizar a gestão da saúde e segurança pública com base nestes dados, ou seja, baseado nos dados encontrados e associações feitas, realizar o planejamento com ações de curto, médio e longo prazo, monitoramento e avaliação de impacto para saber se cada ação deu o resultado pretendido ou não na comunidade [12].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados neste estudo demonstram como a violência doméstica acomete muitas mulheres ao redor do mundo, causando consequências físicas e emocionais às vítimas que resultam em traumas irreparáveis a saúde e implicam em um grande impacto na morbidade e mortalidade em toda sociedade. Este fato destaca a necessidade de ações que previnam ou erradiquem esse tipo de violência.

No Brasil, a violência doméstica aparece como um grande problema de saúde pública, onde é necessário intensificar as ações de enfrentamento, ampliando as portas de entrada para as vítimas, assegurando atendimento humanizado, colocando em prática medidas protetivas e realizando monitoramento do cumprimento destas medidas, além da punição ao agressor.

O estudo mostrou que o perfil epidemiológico das vítimas de violência doméstica em Sergipe é de mulheres com idade entre 20 e 39 anos, da cor/raça parda, com escolaridade de ensino fundamental incompleto. Notou-se também que a residência da vítima foi o local onde mais aconteceram as agressões.

O ano de 2013 foi o período com maior número de casos registrados, mostrando um aumento relevante quando comparado com os anos anteriores. Este número se manteve até 2016 sem queda ou elevação, chamando atenção para a cultura de subnotificação.

Dentre os tipos de agentes agressores, os cônjuges apareceram como principais autores de agressão nos casos de violência doméstica em Sergipe. Os pais e padrastos se destacaram quando se analisou os casos de violência sexual, na qual a faixa etária predominante foi de 10 a 19 anos e local de ocorrência em quase 100% dos casos foi a residência da vítima. Isto reforça a necessidade da orientação das crianças e adolescentes acerta de educação sexual a fim de prevenir este tipo de agressão.

Este trabalho poderá contribuir para o estado mostrando o perfil de risco dos casos de violência de forma que sejam implementadas ações que minimizem os casos de agressão, além de conscientizar os profissionais da saúde acerca da importância do

registro no sistema de informação do SUS e da sensibilização da sociedade em relação a violência doméstica como um grande problema de saúde.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO*). Strengthening health systems to respond to women subjected to intimate partner violence or sexual violence: A manual for health managers.* Geneva: WHO; 2017.
2. Minayo MCS, Souza ER, Silva MMA, Assis SG. Institucionalização do tema da violência no SUS: avanços e desafios. *Ciência & Saúde Coletiva* [periódico da Internet] 2018 Jun [acessado 2019 mai 10]; 23(6): [cerca de 12 p.]. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04962018
3. Menezes PRM, Lima IS, Correia CM, Souza SS, Erdmann AL, Gomes NP. Process of dealing with violence against women: intersectoral coordination and full attention. *Saude soc.* [periódico da Internet]. 2014 Sep [acess 2019 may 10]; 23(3): 778-786. Available from: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902014000300004
4. Mozzambani ACF, Ribeiro RL, Fuso SF, Fiks JP, Mello MF. Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica. *Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul* [periódico da Internet]. 2011 [acessado 2019 maio 20]; 33 (1): 43-47. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082011005000007
5. Barufaldi LA, Souto RMCV, Correia RSB, Montenegro MMS, Pinto IV, Silva MMA. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. *Ciênc.& saúde coletiva* [periódico da Internet]. 2017 Sep [acessado 2019 Maio 20]; 22(9): 2929-2938. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.12712017
6. World Health Organization (WHO*). Violence against women Intimate partner and sexual violence against women.* Geneva: WHO; 2014.
7. Garcia LP, Duarte EC, Freitas LRS, Silva GDM. Violência doméstica e familiar contra a mulher: estudo de casos e controles com vítimas atendidas em serviços de urgência e emergência. *Cad. Saúde Pública* [periódico da Internet]. 2016 [acessado 2019 maio 20]; 32(4). Available from: http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00011415

8. Brasil. Lei nº 11.340 de 07 de Agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal. *Diário Oficial da União* 2006; 07 Ago.

9. Contador, JL, Senne, ELF. Testes não paramétricos para pequenas amostras de variáveis não categorizadas: um estudo. *Gestão & Produção*, *23*(3), 588-599. June 20, 2016. https://dx.doi.org/10.1590/0104-530x357-15

10. Brasil, Secretaria da Transparencia. *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil.* Brasília, DF, 2018.

11. Cerqueira, D, Coelho, DSC. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde.* Brasília, DF, 2014.

12. Cerqueira D, Coelho DSC, Ferreira H (2017) *Estupro no Brasil: vítimas, autores, fatores situacionais e evolução das notificações no sistema de saúde entre 2011 e 2014*, Brasília, DF, 2017.

13. Alves CBO, Alencar LN, Cardena RR, Moreira KA, Pereira PPS, Fernandes DER. (2018). Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia – Brasil. *Revista Cuidarte.* [Periódico da Internet] (Acessado em 10 de maio de 2019) Disponível em: https://doi.org/10.15649/cuidarte.v10i1.573

14. Guilherme SM, Anancyara KM, Luciana AGF, Bruna ARD, Sarah MO, Marcelle ABJ, Carla DG, *The home as insecurity place: violence against women in real life*. Uberlândia - MG, 2018.